

BERT HELLINGER

MEU TRABALHO. MINHA VIDA.

Título do original: *Mein Leben. Mein Werk.*

Copyright © 2018 Ariston Verlag, uma divisão da Verlagsgruppe Random House GmbH, Munique, Alemanha – www.randomhouse.de.

Esta edição foi negociada por meio da Ute Korner Literary Agent – www.uklitag.com.

Copyright da edição brasileira © 2020 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

1ª edição 2020.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Cultrix não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Caso esta publicação contenha links para páginas de terceiros na web, não nos responsabilizamos por seu conteúdo, uma vez que não somos seus proprietários, apenas remetemos à sua localização no momento da primeira edição.

Procuramos identificar, nomear e honrar todos os proprietários de direitos autorais, como é de praxe no meio editorial. Caso isso não tenha sido possível em algum caso isolado, em razão da situação das fontes, obviamente atenderemos às reivindicações fundamentadas.

Foto da capa © Olf Appold

Fotos: Arquivo particular Hellinger

Redação: Dra. Diane Zilliges

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz

Preparação de originais: Karina Gercke

Produção editorial: Indiara Faria Kayo

Editoração eletrônica: S2 Books

Revisão: Claudete Agua de Melo

Produção de ebook: S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Copyrighted image

Índices para catálogo sistemático:
1. Constelação familiar : Psicoterapeutas :
Biografia : Ciências médicas 616.89156092

Maria Paula C. Riyuzo - Bibliotecária - CRB-8/7639

1ª Edição digital 2020
eISBN: 978-85-316-1564-1

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000

<http://www.editoracultrix.com.br>

E-mail: atendimento@editoracultrix.com.br

Foi feito o depósito legal.

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Prefácio de Bert Hellinger

Prefácio de Hanne-Lore Heilmann

1 Infância e Juventude

2 Arbeitsdienst e Vida de Soldado

3 Vida na Ordem e Ordenação

4 Como Missionário na África do Sul

5 Retorno à Alemanha e Saída da Ordem

6 Capacitação Terapêutica e Casamento

7 A Descoberta da Constelação Familiar

8 A Constelação Familiar Clássica

9 A Diferenciação das Consciências

10 A Primeira Ordem do Amor: o Direito ao Pertencimento

11 A Segunda Ordem do Amor: a Hierarquia

12 A Terceira Ordem do Amor: o Equilíbrio Entre Dar e Receber

13 As Ordens do Amor Entre o Homem e a Mulher

14 A Relação Entre Pais e Filhos

15 O Aborto

16 O Que Adoece nas Famílias

17 O Pano de Fundo Sistêmico das Diferentes Doenças

18 Êxitos e Nova Felicidade

19 Constelações Familiares com Judeus em Prol da Reconciliação

20 As Hostilidades

21 A Nova Constelação Familiar

22 Tudo Segue em Frente

23 O Futuro

Em Vez de um Posfácio

Agradecimentos de Bert Hellinger e de Hanne-Lore Heilmann

Bibliografia

Caderno de fotos

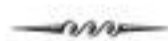
Para Sophie, meu grande amor

Palavras primordiais, órfico

*Como no dia em que te deu ao mundo,
Estava o Sol saudando os planetas,
Cresceste de imediato, sem cessar,
Cumprindo a lei segundo a qual chegaste.
Assim tens de ser, de ti não podes escapar,
Assim já diziam as sibilas, assim os profetas;
E nenhum tempo, nenhum poder destrói
A forma cunhada que vivendo se desenvolve.*

Johann Wolfgang von Goethe

PREFÁCIO DE BERT HELLINGER



Quem, como eu, faz uma retrospectiva de quase um século de vida, tem mesmo muito o que contar. Por isso, há tempos minha esposa Sophie me pediu para escrever minha autobiografia, mas recusei sem pestanejar. Em minha opinião, o que eu tinha a dizer já constava dos mais de cem livros escritos por mim. Isso porque, com o fim do Terceiro *Reich*, minha trajetória de vida já não era determinada por circunstâncias externas, e sim por meus conhecimentos e pensamentos, que segui com firmeza e compartilhei de várias maneiras.

Como não sou estrela do *rock* nem ator de Hollywood, que gostam de expor sua vida privada, eu não via nenhuma razão para falar mais a meu respeito. Contudo, alguns fatos ocorridos em minha vida despertaram boatos e especulações. Um ex-sacerdote de quase 80 anos que se separa da mulher para se casar com outra bem mais jovem logo se torna, junto com sua companheira, objeto de conjecturas. Nem Sophie nem eu chegamos a nos pronunciar a respeito. Tampouco rebati ataques à minha pessoa. Em vez disso, concentrei-me em meu trabalho, pois tenho a convicção de que aquilo que tem efeito acaba prevalecendo. E assim aconteceu.

O que, então, teria me levado a mudar de ideia e escrever minha biografia? Em primeiro lugar, a perspectiva da minha idade e o percurso necessariamente vinculado a ela. Em 2018, transferei para Sophie todas as minhas atividades profissionais, como as escolas e a editora que levam meu nome. Há quase vinte anos desenvolvo com ela a constelação familiar e dou palestras no mundo inteiro. [1]

Contudo, cabe perguntar até quando terei condições de realizar esse trabalho. Embora eu goze de boa saúde, sinto que os anos cobram seu tributo. A força diminui, corpo e mente pedem períodos maiores de recuperação. Isso não me deixa triste, pois acho que após tantos anos de trabalho intensivo também mereço mais descanso. Por isso, já neste ano limitei minhas viagens, deixando cada vez mais a cargo de Sophie a condução dos seminários. Nesse meio-tempo, ela seguiu à frente, e eu atrás – também na evolução ulterior da constelação familiar. O caminho que ela tomou e os conhecimentos que busca enchem-me de admiração e alegria.

Ao assumir todas as minhas atividades profissionais, minha mulher também recebeu um pesado fardo, que exige muito de seu tempo, de sua energia e de sua inspiração. Sua disposição para se embrenhar em tudo isso é um sinal de seu amor por mim e de sua identificação com a constelação familiar. Quem teve a chance de encontrar uma parceira como essa tirou a sorte grande.

Mas será que estou autorizado a impor-lhe esse outro encargo de falar por mim mais tarde, quando eu já não estiver aqui, sendo que isso pode acontecer a qualquer momento? Responder em meu lugar a perguntas relacionadas à minha pessoa? Por assim dizer, resolver por mim o que já não tenho vontade de realizar? Não tenho o direito de fazer isso. E ainda que ela assumisse todas essas tarefas em meu nome, receberia crédito? Não a acusariam de parcialidade, expondo-a a mais

dificuldades? Por essa razão, chegou a hora de eu mesmo explicar minha história e, assim, esclarecer alguns pontos.

Ao mesmo tempo, eu tinha consciência de que, para uma obra tão abrangente como minha autobiografia, precisaria de ajuda. Na minha idade, é muito difícil passar semanas sentado na frente do computador para transpor ao papel as próprias vivências. Então, um feliz acaso veio em meu auxílio, embora eu não acredite em acasos, mas concorde, antes, com os conceitos de sincronicidade ou coincidência, empregados por Carl Gustav Jung.

Depois de passarmos algum tempo tratando do tema da autobiografia, Sophie e eu recebemos certa noite um telefonema de Christina Niederkofler, amiga muito próxima e diretora da Hellingerschule [2] na Itália. Havia muitos anos Christina conhecia a jornalista e escritora Hanne-Lore Heilmann, que durante sua formação em constelação familiar participara de vários seminários na Itália. Nesse dia, Hanne-Lore Heilmann dirigira-se a ela com a ideia de escrever minha biografia e pedira-lhe para intermediar um encontro com minha mulher e comigo. Já no dia seguinte, Christina veio até nossa casa para conversar melhor sobre o assunto. Quatro dias depois, Hanne-Lore Heilmann chegou para passar duas semanas conosco. Sugerimos-lhe que colaborasse com a autobiografia que eu havia planejado, ideia com a qual ela concordou de imediato.

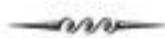
Poucos dias depois também recebemos por vários dias a visita de meu grande amigo Rüdiger Rogoll, neurologista, psiquiatra, psicoterapeuta e, no passado, um dos mais conhecidos especialistas em análise transacional da Europa. Quem, como eu, faz a retrospectiva de uma vida tão longa, percebe que muitas lembranças estão recolhidas e trancadas no quarto dos fundos da memória. A isso se acrescenta o fato de que minha visão e minha orientação sempre se voltaram para a frente. Para ter acesso às minhas lembranças, é necessária uma chave

especial. E meu amigo Rüdiger Rogoll tinha essa chave. Conhecia-me desde os anos 1970 e partilhou muitos acontecimentos comigo. Desse modo, abriu muitos dos quartos da minha memória com a frase: “Você se lembra quando...”. E, de repente, lá estava a lembrança de volta. Porém, foi sobretudo Sophie a me acompanhar nessa viagem ao passado.

Nos meses seguintes, Hanne-Lore Heilmann visitou-nos com frequência para me ajudar na compilação das etapas da minha vida, e Rüdiger Rogoll também sempre acabava aparecendo. Assim, em meio a esse quarteto, a história da minha vida foi se desenrolando pedaço por pedaço. Todos nós éramos unidos não apenas por um objetivo em comum, mas também por consideração, respeito e afeto mútuos. Impossível desejar um trabalho mais bonito.

Desse modo, espero que a harmonia que acompanhou o surgimento deste livro também exerça influência sobre o leitor e que, com minha autobiografia, ele possa encontrar o caminho para uma vida mais plena e feliz.

PREFÁCIO DE HANNE-LORE HEILMANN



Há cerca de quinze anos, meu bom amigo Holger Richter, diretor de programação de longa data da Rádio RTL, em Luxemburgo, contou-me de suas experiências com as constelações familiares de Bert Hellinger. O que ouvi me fascinou tanto que assisti a um seminário. Como qualquer pessoa, eu também tive um problema na vida, que esperava resolver com uma constelação familiar. O que presenciei nesse seminário me impressionou profundamente. Mais do que isso: não saiu da minha cabeça. Comecei a me ocupar de maneira mais intensiva do método de Hellinger e acabei me inscrevendo como aluna na Hellingerschule, a fim de aprender a ser uma consteladora.

Hoje posso dizer com total convicção: nada mudou tanto minha vida quanto as constatações de Bert Hellinger. Por isso, para mim, existe uma vida antes e outra depois de Hellinger. Muitas das minhas decisões foram influenciadas por suas ideias. E o que talvez seja ainda mais importante: graças às suas constatações sobre as ordens da vida, minha compreensão das outras pessoas aumentou. O que antes me irritava em alguém, hoje consigo ver sob outra luz. Desse modo, sou grata a Bert Hellinger não apenas por um conhecimento maior sobre a alma humana, mas também pelo aumento da minha paz interior.

Durante minha formação como consteladora familiar nos seminários em Brixen, no sul do Tirol, conheci Christina Niederkofler, diretora da Hellingschule na Itália. Desde essa época, tornamo-nos amigas muito próximas. Também foi ela quem me colocou em contato com Bert e Sophie Hellinger, permitindo que a ideia dessa autobiografia tomasse forma.

A possibilidade de colaborar com a biografia de Bert Hellinger me encheu de profunda gratidão. No entanto, eu gostaria sobretudo que minha colaboração fosse entendida como uma deferência à obra de Bert Hellinger.

Nos últimos dois anos, passei muito tempo na casa de Bert e Sophie Hellinger, em Berchtesgaden, na Alemanha, e pude reconhecer neles duas pessoas extraordinárias. Eu nunca tinha encontrado uma pessoa tão boa como Bert Hellinger. Também fiquei muito impressionada com sua esposa Sophie, que com infundável energia dedica sua vida à constelação familiar e nesse meio-tempo a conduziu a novas dimensões com suas próprias constatações.

Tive a oportunidade de vivenciar muitos momentos intensos e belos na casa dos Hellinger. Minha lembrança ficou marcada especialmente por uma noite de verão, quando estávamos sentados no terraço com vista para a Watzmann, também conhecida como Montanha do Destino, que já fez mais de cem vítimas. Bert Hellinger entoou a canção de ninar *A Lua Surgiu (Der Mond ist aufgegangen)*, de Matthias Claudius. Sabia todas as estrofes de cor:

*A lua surgiu,
as estrelinhas douradas brilham
no céu luminoso e claro.
A floresta está escura e silenciosa,
e dos prados se eleva*

*a bela névoa branca.
Como está quieto o mundo,
envolvido no crepúsculo
tão acolhedor e gracioso,
como um quarto tranquilo,
onde as preocupações do dia
devem ser esquecidas no sono.*

*Vede a lua ali no alto?
Dela só se vê a metade,
no entanto, é redonda e bela.
Assim são muitas coisas,
das quais rimos, confiantes,
porque nossos olhos não as veem.*

*Nós, orgulhosos filhos dos homens,
somos vaidosos e pobres pecadores
e não sabemos muito.
Tecemos uma teia de ar,
buscamos mil artifícios
e passamos longe do objetivo.*

*Deus, faz com que Tua salvação olhe por nós,
não permitas que confiemos em coisas passageiras
nem nos alegremos com vaidades;
faz com que nos tornemos simples
e diante de Ti nesta terra*

*sejamos devotos e felizes como crianças.
Por fim, que nos leves deste mundo
sem aflições,
mediante uma morte branda;
e depois que nos lewares,
que nos permitas chegar ao céu,
ó nosso Senhor, nosso Deus.*

Na última estrofe, Sophie Hellinger uniu-se a ele em voz baixa, e ambos cantaram juntos no crepúsculo:

*E assim, irmãos, repousai
em nome de Deus;
Frio é o ar da noite.
Poupa-nos, Deus, das nossas penas
e permite-nos dormir em paz.
A nós e a nossos vizinhos aflitos!*

Após um momento de silêncio, Bert Hellinger disse: “Foi um dia maravilhoso”.

Era o que sempre dizia ao final de cada dia.

Certa vez, quando Sophie Hellinger foi me buscar no aeroporto de Salzburgo, disse-me no caminho para sua casa: “Agora este é seu segundo lar”. Isso me emocionou muito.

Obrigada, Sophie.

Obrigada, Bert Hellinger.

Com minha autobiografia, iniciei uma viagem. Uma viagem ao passado, que me conduz ao presente. O homem encontra a criança, a velhice encontra a juventude, o fim próximo encontra o começo. Percorri minha vida, que se encerrará em um círculo ao qual ainda falta um último pedaço. Esse pedaço é o futuro, do qual me resta apenas um pouco. Olho para ele sem melancolia, pois muito tempo me foi dado. Um tempo rico, que pude moldar enquanto ele me marcava. Com todos os acontecimentos e todas as pessoas, com todos os conhecimentos e pensamentos. Assim, hoje olho esse tempo com muita gratidão e humildade. Ele foi bem-intencionado comigo.

1

INFÂNCIA E JUVENTUDE



Nasci em 16 de dezembro de 1925, em uma noite de lua nova, na pacata cidade de Leimen, perto de Heidelberg. Meus pais, Albert e Anna, deram-me o nome de Anton. Embora eu não entenda muito de astrologia, parece que ela estava certa em suas previsões – talvez fortuitas – em relação à data de meu nascimento: segundo dizem, quem nasce em noite de lua nova tende a marcar o mundo com seus ideais e sua personalidade. Afinal, dizem que o sagitariano não se submete, permanece sempre o que é, gosta de arrebatrar os outros com seu entusiasmo, mas também de desafiá-los. Além disso, defende incondicionalmente aquilo que considera verdadeiro e correto.

Ao longo de minha vida, exprimi o que considero verdadeiro e correto. Muitas vezes sendo advertido das consequências, com as quais sempre estive disposto a arcar. Não me dispus a me curvar, apenas a obedecer. Quem se curva perde sua grandeza e sua dignidade. Assim, já na juventude, não me curvei ao cruel sistema dos nacional-socialistas e me tornei alvo por ser considerado um potencial inimigo público. No entanto, obedeci às leis da Igreja Católica, pois estavam em sintonia com minha consciência. Quando já não pude obedecer-

lhes, renunciei ao sacerdócio contra todas as resistências. Do mesmo modo, nunca me preocupei com as opiniões alheias, pois estas são padrões estanques de pensamento, presos a preconceitos e cujo único objetivo é encontrar aprovação. Mais tarde, munidos de suas opiniões, alguns me atacaram, mas não me desviaram do meu caminho. Sempre estive aberto ao melhor argumento em contrário.

Ao lembrar minha infância, vejo que passei muito tempo dividido. Em função de minhas condições de vida em diferentes épocas, e até em idade avançada, como outras pessoas, várias vezes eu também me posicionei de uma nova maneira em relação a meus pais. Somente assim consegui compreender a dimensão do amor deles.

Na metade de minha vida, dediquei-me a meus pais com gratidão e humildade. Todo mundo acredita, por exemplo, que o relacionamento com a própria mãe é bom. Porém, ao examiná-lo com mais profundidade, reconhece que essa mera opinião não é suficiente. Não se trata apenas de pensar ou achar que o relacionamento com a própria mãe é bom, e sim de sentir isso intensamente em seu íntimo e com plena convicção. Quanto mais alguém enfrenta situações como essas, por exemplo, o que vivenciou com a própria mãe, tanto mais frequentes serão suas lembranças de mágoas antigas que ainda não cicatrizaram. Somente quando as esquecer e não se lembrar mais delas – mesmo que queira – é que se poderá falar de cura.

Tenho a firme convicção de que todo indivíduo pode observar processos como esses em si mesmo. Também tenho certeza de que, por meio de diferentes constelações, é possível entrar em ressonância com a própria mãe e, assim, permitir que aflorem situações reprimidas, das quais já não se tem consciência. De certo modo, um acontecimento antigo é acionado e resolvido em suas consequências. Trata-se de um processo que dura a vida inteira. Com efeito, cada passo tem seu próprio ponto de partida, sempre determinado pela

relação modificada com a mãe, do mesmo modo como nunca se pode entrar na mesma água de um rio.

Passei os primeiros anos da minha vida até o início da escola em Leimen, cidade natal de meus pais, que na época contava com apenas quatro mil almas. Meu pai era engenheiro e trabalhava na fábrica de cimento local, atualmente conhecida como Heidelberg Cement AG. Meu avô materno já havia sido funcionário dessa mesma fábrica, porém como trabalhador braçal.

A família vivia em um bairro operário, antigamente chamado de “colônia operária”. Tal como os conhecidos bairros da siderúrgica Krupp, em Essen, a partir de 1900 esse bairro foi erguido na propriedade particular de Friedrich Schott, patriarca da empresa. Ele próprio chamou esse projeto de construção de “habitações para bons e beneméritos trabalhadores”. Além disso, toda família havia recebido da fábrica um pedaço de terra, no qual eram plantados frutas e legumes para a própria subsistência. Meu avô também tinha algumas galinhas e um porco. Por assim dizer, era uma transição da era rural para a industrial. Da manhã à noite, o trabalho na fábrica determinava o dia, estendendo-se posteriormente para o campo.

Quando nasci, meu avô já havia se aposentado. No entanto, como convivi por muito tempo com meus avós antes de ingressar na escola, cresci nesse ambiente e nessa vida de pessoas simples. Para nós, crianças – e éramos muitas –, isso era um idílio. Tínhamos à nossa disposição um Prado e uma praça com árvores que davam sombra. E com muita naturalidade podíamos entrar e sair da casa de diferentes famílias, como se a elas pertencêssemos. Era quase uma grande família.

A vida dessas pessoas tinha algo especialmente acolhedor e sincero. Isso me marcou por toda a vida. Até hoje sinto Leimen como meu lar. Ainda hoje me lembro do zumbido monótono do teleférico e

do leve estalo de suas 265 caçambas verdes, que balançavam lentamente ao passarem pelos postes, transportando o calcário altamente concentrado por cima dos telhados de Leimen, pelos 6 quilômetros que separavam as pedreiras da fábrica de cimento.

Sempre tive simpatia pelo que é simples e modesto. Mesmo nos tempos de prosperidade, as tentações do dinheiro nunca me atraíram. O apego pela minha terra e o trabalho persistente e disciplinado determinaram minha vida. O que me deixa feliz não é a gastronomia refinada, mas uma boa batata ou uma das refeições preparadas por minha esposa, especialista em ervas. Em vez de um sedã novo, é um automóvel de vinte anos que se encontra em nossa garagem. Ele ainda cumpre muito bem sua função. Por que comprar um novo?

Meu luxo é uma bela casa com vista para o imponente cenário da Watzmann. Muitos alpinistas perderam a vida nessa Montanha do Destino. Em nossa residência, há quartos de hóspedes para amigos e parentes, que costumam nos visitar e com os quais comemos na cozinha ou na varanda, sentados a mesas simples de madeira. Com frequência acompanham Sophie e eu no passeio diário da tarde ao longo de um riacho nas proximidades. Ele nos dá força e paz interior. O prazer de estar em meio à natureza e a comunhão harmônica e inspiradora com outras pessoas são imunes ao poder do dinheiro.

Quando eu tinha 5 anos, meus pais se mudaram para Colônia com meu irmão Robert, dois anos mais velho, e minha irmã Marianne, dois anos mais nova, deixando-me com meus avós até eu iniciar a escola. Nunca soube do real motivo disso. Suponho que, desse modo, meus pais quisessem amenizar um pouco a despedida para meus avós. Embora eu gostasse de viver com eles, a separação dos meus pais foi para mim um profundo corte. Senti-me abandonado e preterido, pois Robert pôde mudar-se para a casa nova. O fato de Marianne também ter podido ficar com meus pais não contou muito

para mim. Afinal, ela era a caçula. Já meu irmão era visto por mim como um concorrente.

Por muito tempo, a obrigação de ficar com meus avós prejudicou sobretudo meu relacionamento com minha mãe. Mais tarde, muitas vezes observei esse efeito dentro das constelações familiares de clientes que viveram uma situação semelhante. A essa situação dei o nome de “movimento interrompido precocemente em direção à mãe”.

O que esse movimento interrompido em direção à mãe significa para o indivíduo? A vida vem até nós passando primeiro pela mãe. Assim como aceitamos nossa mãe, aceitamos nossa vida. Seja o que for que tenhamos a criticar em nossa mãe, temos a criticar também em nossa vida. Quem se afasta da própria mãe, afasta-se da vida. Por isso, o primeiro êxito da vida se dá em nosso relacionamento com nossa mãe. Quem aceitou a própria mãe transmite alegria, é amado e logo atrai outras pessoas. A harmonia com a mãe é a chave para a felicidade.

No entanto, para muitos, ao ato de aceitar a própria mãe opõe-se uma experiência prévia. Até o quinto ano de vida, geralmente no período de três a quatro anos, são separados de sua mãe. É o caso, por exemplo, de uma criança que é entregue para outra pessoa por um período ou que ficou doente e a mãe não pôde visitar, ou ainda quando a mãe precisou se recuperar após ter adoecido. A separação é vivida pela criança como uma grande dor. “Onde ela está? Estou perdida?”, pergunta-se interiormente. Esse é um trauma, pois o movimento necessário não é possível.

O desamparo de estar sem a mãe e o desespero de não poder ir até ela quando ela é tão necessária conduzem a criança a uma decisão interior. De repente, ela tem outra imagem interior da mãe, que está vinculada à dor e a uma crítica. Muitas vezes, a dor da separação também se transforma em raiva ou desespero. Nesse caso, a criança

pensa: “Vou desistir dela”. “Vou ficar sozinha”. “Vou manter distância dela”. “Vou me afastar dela”. “Vou me retrair; ninguém está realmente disponível para mim; estou por conta própria”.

Depois disso, a criança muda. Quando a mãe retorna, a criança a rejeita ao lembrar-se da dor e se retrai. Por exemplo, já não permite que a mãe a toque, fecha-se diante dela e de seu amor. Quando a mãe tenta aproximar-se e tomá-la nos braços, a criança a rejeita interior e muitas vezes também externamente. A mãe acha, então, que fez algo errado e acaba por também se retrair. Assim, ambas já não conseguem se entender bem.

Isso também exerce influência na vida posterior. Muitas vezes, até mesmo como adulto uma criança como essa tem medo de proximidade. Ao se aproximar de alguém, lembra-se da dor do passado e interrompe o movimento. No relacionamento de casal, por exemplo, em vez de procurar o outro, espera que o outro a procure. No entanto, a proximidade costuma ser pouco tolerada. Em vez de receber o outro com alegria, rejeita-o de diversas maneiras. Embora sofra com esse tipo de trauma, a pessoa reluta em se abrir e, quando o faz, geralmente é por pouco tempo. Muitas vezes, passa por situação semelhante até mesmo com seu próprio filho.

Não obstante todo o medo, quando a pessoa retorna à situação de separação e recupera o movimento interrompido interiormente ou em uma constelação familiar, ela consegue resolver esse tipo de trauma tanto no sentimento quanto na lembrança. Apesar da dor crescente, da decepção e da raiva do passado, com pequenos passos, caminha até a mãe e chega ao amor, até cair em seus braços, ser abraçada e segurada por ela e finalmente tornar a unir-se a ela.

Eu mesmo só consegui reconhecer plenamente as realizações de minha mãe na metade de minha vida, em uma terapia nos Estados Unidos. O terapeuta havia desenhado três quadrados no chão. Em

seguida, tive de me colocar no centro de cada quadrado e, depois disso, dizer em qual deles me sentia melhor. Porém, para mim, os três eram iguais. O terapeuta me explicou que um quadrado representava a melhor mãe do mundo, outro, a pior mãe do mundo, e o terceiro, minha mãe. Não pude deixar de rir de mim mesmo nem desses supostos julgamentos. De repente, senti como se tivesse renascido, com vigor e força. Percebi que minha crítica à minha mãe me impedia de ir até ela. Por ainda ter expectativas a seu respeito, na verdade, permaneci uma criança, ainda não tinha me tornado um verdadeiro adulto.

Além disso, por meio da meditação, voltei à época anterior ao meu trauma. Lembrei-me das experiências felizes com minha mãe, cheias de confiança, de ser segurado e alimentado por ela com um olhar repleto de amor. Lembrei-me desses aparentes pormenores, através dos quais me sentia protegido, alheio ao mundo. Com a nova imagem no coração, olhei para minha mãe após o trauma. Agarrei-me a essa imagem positiva e permiti que ela ganhasse um amplo espaço em minha alma, suplantando a outra, impregnada pela crítica. Desconsiderei minha decisão anterior e disse para minha já falecida mãe: “Vou voltar para você”.

Somente nessa época compreendi que minha mãe sempre esteve ao meu lado. Sem reclamar, fez tudo: lavou, cozinhou, costurou e, durante o nazismo, chegou a defender como uma leoa seu filho contrário ao regime.

Mesmo reconhecendo a importância que minha mãe tivera para mim, eu ainda não estava em total harmonia com ela. Sobretudo ao chegar à idade avançada, muitas vezes sentia-me invadido pela tristeza e pelo abandono quando pensava que meu irmão devia ter sido o filho preferido dela. Em um sábado, poucas semanas antes do meu aniversário de 92 anos, fui novamente acometido por esse sentimento. Então, Sophie me disse: “Venha, vamos constelar isso”. Ela e uma

amiga que estava nos visitando entraram na constelação como representantes, e mais tarde fui inserido. A realidade veio à tona, e senti o grande amor que minha mãe sempre tivera por mim. Sim, esse amor sempre estivera presente, assim como meu amor por ela. Desde essa experiência, minha alma se encheu de uma paz profunda.

O que isso nos mostra? Que até mesmo com quase 100 anos ainda permanecemos crianças; que até mesmo para um quase centenário o relacionamento com a mãe é decisivo para o bem-estar da alma. A importância da mãe para nossa vida é incrivelmente grande.

Onde começa, então, nossa alegria com nosso próprio ser? Ela começa com a alegria que sentimos com nossos pais. Imagino que Deus olhe para nossos pais tal como os fez. Como demonstra sua alegria com eles? Com que faísca divina? Ele gosta muito deles.

Somente quando nós também gostarmos de nossos pais como eles são é que gostaremos de nós e dos outros. Aqui encontramos a grande alegria, uma alegria arrebatadora. Levados por ela, damos-nos as mãos e dançamos a dança da vida. Essa alegria é espiritual, abrangente e incondicional. É a pura alegria de viver e a pura felicidade.

Pouco antes de meu ingresso na escola, meus pais me levaram para Colônia. Obviamente foi uma grande mudança – saí de um idílio quase rural para uma cidade grande e pulsante. Porém, a criança logo se adapta às novas circunstâncias e, de certo modo, é absorvida por elas. Afinal, não restam alternativas. Quando está com os pais, a criança se move em terreno seguro. O novo não parece tão ameaçador, mas um enriquecimento estimulante, ao qual ela se dedica com curiosidade.

Quando cheguei a Colônia, a cidade havia passado por um crescimento impressionante com o prefeito Konrad Adenauer. Após a

retirada das tropas de ocupação inglesas, ele cuidara para que o aeroporto Butzweilerhof fosse ampliado e transformado em um centro de tráfego no Ocidente. Já em 1928 havia conexões regulares para Berlim, Paris, Amsterdã, Genebra, Londres, Bruxelas, Copenhague, Hamburgo e Munique. Em 1929, iniciou-se a construção da rodovia Colônia-Bonn, e em 1930 até mesmo Henry Ford visitou a cidade pessoalmente para lançar a pedra fundamental da nova fábrica da Ford Motor Company AG, até então estabelecida em Berlim. Fiquei fascinado sobretudo com o arranha-céu Hansahochhaus, cuja construção havia sido concluída em 1925 no bairro de Neustadt-Nord. Para a época, tinha inacreditáveis dezessete andares e, com seus 65 metros de altura, por pouco tempo foi o prédio mais alto da Europa. Eu também ficava feliz quando minha mãe me levava à loja de departamentos Tietz. Nela se era transportado de um andar a outro pela primeira escada rolante totalmente automática da Alemanha – para mim, mais uma experiência.

E, é claro, havia a catedral de Colônia. Esse imponente templo gótico, com sua fachada de duas torres e 7.100 metros quadrados, a maior do mundo, representava o poder papal de Roma e a importância da fé católica na região. Ao mesmo tempo que se erguia de maneira impressionante e impunha respeito no coração de Colônia, parecia-me familiar e próxima ao mesmo tempo. Pois já aos 15 anos eu tomara a decisão de me tornar padre.

Essa ideia simplesmente me veio. Por certo, no começo fui influenciado por meu avô. No período em que vivi em sua casa, ele ia à missa todo dia de manhã, às seis horas. Eu ficava muito impressionado com a profunda devoção e a paz interior que a celebração da Eucaristia provocava nele. Na época, acho que eu pensava em como deveria ser bonito se eu mesmo estivesse no altar, causando esse tipo de efeito nos fiéis. Como criança, obviamente não

conseguia reconhecer a verdadeira abrangência da vocação ao sacerdócio.

No entanto, mais tarde, na puberdade, essa aspiração não foi substituída por nenhuma outra ideia. Minha decisão deve ser vista no nível de minha relação com Deus, por certo em como eu o concebia na época. Na casa de meus pais eu me encontrava em terreno religioso. Nesse sentido, minha decisão não foi isenta de influências. Meu pai e, de maneira muito especial, minha mãe, eram fortemente ligados à fé católica. Minha mãe também foi quem me fortaleceu em minha decisão. Antigamente, a vocação ao sacerdócio estava vinculada a uma grande reputação – não apenas para quem se sentisse convocado a dar esse passo, mas também para toda a família, que, assim, se sentia mais próxima de Deus. Ao mesmo tempo, o ingresso de uma criança no sacerdócio era visto como uma espécie de garantia em relação a Deus, para que toda a família fosse protegida. Contudo, Sophie acredita que, inconscientemente, optei pela vocação ao sacerdócio para agradar à minha mãe. Talvez ela tenha razão – como em muitas coisas.

Com a típica maleta de couro marrom nas costas, contendo lápis e uma lousa de ardósia com uma esponja amarrada por uma fita, fui para a escola primária. Ela ficava no bairro de Ehrenfeld, onde se encontrava a fábrica Ferd. Mülhens, que produzia a famosa água de colônia 4711 e o perfume “Tosca” para “mulheres acima de 50”. Estudava-se com afincamento a escrita Sütterlin, que nos anos 1920 havia substituído a escrita cursiva alemã. O lema do período imperial continuava inalterado: “Unir as mãos, fazer silêncio, não apoiar a cabeça, aguçar os ouvidos”.

Os quatro anos de escola primária foram uma tortura para mim. Todos os dias meu professor me batia com uma vara de madeira. Quando eu não conseguia ficar quieto em meu assento por causa das

dores, o ritual recomeçava. Eu tinha de me levantar, ir para a frente da sala, deitar-me no banco e receber o castigo. Por que o professor implicava tanto comigo sempre foi um enigma para mim. Porém, na época, os professores eram considerados autoridades tão importantes que ninguém pensava em reclamar. Isso valia para os pais e mais ainda para os alunos.

Em casa também predominava um regime rigoroso, pelo qual sobretudo meu pai era responsável. Esforçado, sempre muito dedicado ao trabalho e disciplinado, não deixava escapar nada. Regularmente batia em mim com uma mangueira de borracha, uma punição dolorosa, que com sua intransigência me oprimia muito.

O quanto sofri com os castigos físicos na infância mostrou-se há catorze anos no México. Lá visitei um terapeuta corporal que conseguia ativar dolorosos acontecimentos do período entre 6 a 10 anos de idade premendo determinadas partes do corpo. As energias liberadas por esse procedimento eram dissipadas, e as tensões, dissolvidas por meio de uma massagem final. As dores e as feridas interiores, lembradas graças a esse tratamento, foram tão fortes que chorei ininterruptamente por duas horas. Precisei de dois dias para me recuperar e me reconectar com minha mãe em meu íntimo. Jamais poderia pensar que minhas vivências da infância seriam capazes de ter tais efeitos.

Por outro lado, meu pai me apoiou e incentivou ao longo dos anos em tudo o que eu quis fazer. Sem minha mãe, levava-me à ópera, a concertos e museus, ia comigo nadar e passear de bicicleta. Também me encorajava e exortava a praticar violino com mais afinco. No fundo, esperava que eu me tornasse músico, como meu avô e ele. Reagiu com ceticismo ao meu desejo de me tornar padre, que correspondia mais à intenção da minha mãe e dos pais dela. Já meu pai, mesmo sendo praticante, não era tão apegado à Igreja.

Décadas mais tarde, quando eu já me dedicava à psicoterapia, encontrei-me com Stanley Keleman, fundador da Psicologia Formativa e diretor do Center for Energetic Studies na Universidade de Berkeley, na Califórnia. Em uma conversa, reclamei do rigor de meu pai e da difícil infância que, do meu ponto de vista, havia sido condicionada por isso. Stanley Keleman olhou para mim, riu e disse: “Mas você é forte”. Então entendi a força que meu pai me havia transmitido e quão importante ele havia sido para mim por meio de seu rigor. A partir desse momento, senti-me profundamente ligado a ele.

Ficamos consternados quando uma notícia toca fundo em nosso coração. Temos a mesma sensação quando reconhecemos que estávamos em um caminho que nos afastou dos outros, em vez de nos conduzir a eles. Igualmente consternados, damos meia-volta e retornamos a eles.

É claro que nossos pais também têm imperfeições e fraquezas. Do nosso ponto de vista atual, fizeram algumas coisas erradas. No entanto, vamos imaginar que tivéssemos tido pais ideais em todos os sentidos e que tudo tivesse corrido às mil maravilhas. Quão aptos estaríamos para a vida? Justamente os erros, os desafios e aquilo que, algumas vezes, também nos custou muito sofrimento nos dão uma força especial quando os aceitamos.

É um exercício que podemos fazer. Consideramos tudo o que aconteceu em nossa família. Vemos o que queremos ignorar, excluir e o quanto empobreceremos se nos comportarmos dessa maneira.

Então, fazemos o caminho inverso. Consideramos tudo tal como é e dizemos: “Sim. Foi assim. Aceito tal como foi. Agora vou tirar proveito disso. Vou aprender com isso e ganhar força”.

Nesse momento é possível imaginar como é vir de uma família ideal. Conseguimos ter empatia pelos outros? Sentir compaixão? Ou

estamos muito isolados da vida ativa? Se agora olharmos para nós mesmos e para outros que passaram por momentos difíceis, de que maneira eles poderiam sentir empatia por outras pessoas e quanta força ainda teriam para estar ao lado delas e amá-las?

30 de janeiro de 1933. Data em que Paul von Hindenburg, presidente do *Reich*, nomeou Hitler chanceler. Fazia um dia frio e úmido em Colônia, com montículos de neve nas calçadas. Ao meio-dia, a notícia foi anunciada pelo rádio. Venderam-se jornais extras, e multidões se aglomeraram na praça Neumarkt. À noite, meu pai entrou em casa e disse à minha mãe: “Hitler é chanceler do *Reich*”. Meus pais ficaram muito tristes. Imaginavam que, a partir daquele momento, o caminho estaria livre para a ditadura do nacional-socialismo. Na época, fiquei surpreso com a reação deles e perguntei por que todos estavam tão eufóricos, menos eles. Meu pai respondeu: “Todos que agora estão eufóricos mais tarde vão reconhecer o quanto nos custará o que nos espera. Estou com medo, muito medo”.

Apesar do mau desempenho do NSDAP^[3] nas eleições do *Reichstag*, em 6 de novembro de 1932, perderam-se as esperanças de que o fantasma pardo^[4] logo iria embora. Na mesma noite, partidários embriagados da SA^[5] passaram gritando pelas ruas de Colônia e obrigando os pedestres a saudar Hitler. No dia seguinte, houve uma marcha dos camisas pardas de Deutz a Rudolfplatz com uma “consagração alemã” nos pavilhões de exposições. O evento foi observado com indiferença pelos habitantes da cidade e tratado com observações irreverentes. Porém, pouco depois, muitos ficariam entusiasmados com os nacional-socialistas. Nas semanas seguintes, centenas de comunistas e sociais-democratas de Colônia foram deportados, torturados e mortos pela SA. Tudo isso com a tolerância e até mesmo com a participação da polícia. Além disso, já em 1º de abril o chefe do departamento pessoal da cidade encarregou a

administração de dar informações sobre todos os judeus, uma instrução que chegou a extrapolar as leis raciais de Nuremberg, aprovadas em 1935.

Graças à sua profunda fé, meus pais ficaram imunes às tentações do nacional-socialismo. Embora tenha sofrido muita pressão, durante todo o período nazista, meu pai se recusou a entrar para o partido. Era preciso ter muita coragem para isso.

Lembro-me de um domingo, poucas semanas após a tomada do poder. Meus pais queriam fazer conosco uma excursão a Bergisches Land. Após a missa matinal, ficamos esperando o bonde. Então, um homem da SA se aproximou e fez uma observação a meu pai. Não sei o que meu pai respondeu, mas deve ter desencadeado a fúria do homem da SA, que gritou com ele e quis prendê-lo. Tinha autoridade para tanto. Com efeito, pouco antes Hermann Göring, comissário do *Reich* para o Ministério do Interior da Prússia e, por conseguinte, diretor da polícia prussiana, nomeara a SA como “polícia auxiliar” do Estado.

Por sorte, o bonde chegou nesse momento delicado, e rapidamente embarcamos. O condutor logo fechou a porta e partimos. No entanto, o homem da SA nos perseguiu de bicicleta, aos berros. O condutor passou direto pelas estações seguintes, até o homem da SA ficar para trás. Os passageiros aplaudiram. Esse comportamento da população não duraria muito tempo.

1936 foi um ano de virada para mim. Conduziu-me por um caminho que determinaria metade da minha vida. Eu ainda não fazia nenhuma ideia disso. Os quatro anos de escola primária haviam terminado, e me transferi para o Aloysianum, seminário e internato dos missionários de Mariannahill, fundado em 1910, em Lohr am Main. Por uma conhecida, minha mãe havia ouvido falar da criação da ordem masculina romano-católica, atuante sobretudo em missões na África.

Ao visitar o internato, viu que seria uma boa preparação para minha ambicionada vocação ao sacerdócio. Embora hesitante no começo, meu pai acabou aceitando a decisão de minha mãe e declarou-se pronto a arcar com os custos.

Para minha estadia no internato, minha mãe havia arrumado uma mala gigantesca, que ao ser carregada se arrastava pelo chão. Na estação de Colônia, ela me sentou no trem e simplesmente se despediu. Fiz sozinho a viagem para minha nova vida. Durante o trajeto, sentimentos conflitantes se alternaram em mim. Por um lado, medo, temor e desespero; por outro, uma agitação alegre e expectativa, algo no sentido de “finalmente!”. Por sorte, no trem havia outras crianças que me distraíram de meus pensamentos e proporcionaram uma viagem divertida.

Enquanto o Aloysianum se tornou, por assim dizer, minha nova casa, frequentei a instituição Franz-Ludwig-von-Erthal, escola de ensino médio da região, onde se aprendia latim e que recebera esse nome do príncipe-bispo de Würzburg e Bamberg, nascido em Lohr am Main em 1730. Apesar das dificuldades econômicas dos anos 1930, até 1933 moraram cerca de 150 alunos no Aloysianum. Após a tomada do poder por Hitler, esse número regrediu devido à discriminação em relação às instituições monásticas de ensino.

Ainda hoje me lembro da construção de três andares, influenciada pelo barroco, com três edifícios transversais. Os corredores inundados de luz, as vidraças Jugendstil, as escadas com balaustradas em ferro fundido e corrimões de madeira, a igreja da instituição com cúpula em forma de cebola. No Aloysianum eu me sentia em casa. Foi um belo período para mim. Em nenhum momento senti saudade da família, pois nesse novo mundo eu tinha muito mais possibilidades e liberdades do que na casa dos meus pais. E, o mais importante: finalmente não apanhava mais!

Os padres eram bons, gostavam de nós e nos incentivavam. Nunca ficávamos entediados, sempre estávamos ocupados. Esporte, caminhadas, aulas de música, apresentações teatrais, acesso a uma grande biblioteca – tudo isso nos era oferecido. Ali aprendi a tocar violino, fui membro da orquestra da casa e cantava no coro. A estadia no internato havia sido um grande presente dos meus pais.

Percebi o quanto o *Aloysianum* significou para mim em um dia de verão no meu primeiro ano de internato. Fui com alguns amigos nadar no rio Meno. Na margem, encontramos uma grande prancha, com a qual descemos o rio como se estivéssemos em uma jangada. No entanto, os padres nos haviam proibido expressamente de fazer isso. De repente, vi meu professor preferido em pé, na margem. Ele também nos havia descoberto. Embora tivéssemos encerrado nosso passeio de jangada no mesmo instante, ele mandou nos chamar e pediu explicações. Explicou que nosso comportamento poderia ter lhe causado muitos problemas caso nos tivesse acontecido alguma coisa, pois o internato era responsável por nosso bem-estar e nossa segurança. Pelos cinco dias seguintes, iria refletir se informaria nossos pais sobre o incidente. Isso significaria uma repreensão por parte do internato.

Os dias que se seguiram foram um inferno para mim. Eu corria o risco de perder tudo o que tinha começado tão bem e me feito tão feliz. Após cinco dias, fomos novamente convocados pelo professor, que proferiu as palavras redentoras: nossos pais não seriam notificados – desde que prometêssemos nunca mais incorrer em tal aventura. Foi o dia mais feliz da minha vida, que na época tinha acabado de começar. No entanto, a reação do professor me mostrou outra coisa, que me encheu de profunda alegria: senti que o professor me amava, e eu o amava também.

Como na casa de meus pais, no internato eu também circulava em um campo seguro, protegido da ideologia do nacional-socialismo. Isso distinguia a nós, que lá vivíamos, dos outros jovens. Nenhum de nós foi para o *Jungvolk* ou para a *Hitlerjugend*.^[6] Portanto, não tínhamos contato com o sistema.

Entretanto, em 1938 o Aloysianum pôde sentir a brutalidade do Estado nacional-socialista. Um dia depois que as tropas alemãs invadiram a Áustria, em 13 de março de 1938, Hitler mandou elaborar a “Lei da Reunificação da Áustria com o Império Alemão”. Para o dia 10 de abril foi instaurado um plebiscito, que deveria ser realizado tanto na antiga Áustria quanto no chamado “Antigo Império”, ou seja, na Alemanha. Um apelo à população dizia: “Nenhum voto poderá ser invalidado por descuido. Por isso, informe-se cuidadosamente antes de votar. Faça um ‘X’ no círculo grande embaixo do ‘sim’”.

No entanto, alguns padres do internato, bem como algumas irmãs que trabalhavam na cozinha, não obedeceram e votaram “não”. A opção deles foi notada. Na mesma noite, após uma passeata em que carregavam tochas, vários homens da SA se reuniram na frente do Aloysianum e picharam o muro com as seguintes inscrições, em letras garrafais: “Aqui moram traidores” e “Nós votamos ‘não’”. Em seguida, quebraram cerca de duzentas janelas. Em meu dormitório também voaram pedras. No dia seguinte, o diretor e o administrador do internato foram detidos preventivamente. Esse procedimento não se submetia a nenhum controle jurídico e era aplicado sobretudo contra opositores do regime. Na maioria das vezes, por eles esperava posteriormente um longo período de sofrimento, com frequência até o assassinato nos campos de concentração.

Para nós, alunos, as férias iniciaram nesse dia. Por duas semanas, fomos para casa.

Também nos anos seguintes fui testemunha no Aloysianum da insanidade do regime nacional-socialista. Começou com o famoso dia 1º de setembro de 1939, quando Hitler anunciou no *Reichstag*: “Revidaremos a partir das 5h45”. Com a invasão da Polônia, estava deflagrada a Segunda Guerra Mundial, que custou a vida de quase 60 milhões de pessoas. Após uma política de “esperar para ver o que acontece”, dois dias depois, Grã-Bretanha e França declararam guerra ao Império Alemão. Porém, já em 1938, a liderança do Partido havia iniciado clandestinamente os planos para a evacuação da população em áreas de fronteira, o que teria consequências graves para o Aloysianum.

Dois dias após o início da guerra, foram tomadas as primeiras providências para as medidas de evacuação. Pouco depois, as administrações regionais foram informadas de que, a qualquer momento, eram esperados refugiados vindos sobretudo da chamada “zona vermelha”. Tratava-se de um cinturão fronteiro de 20 quilômetros de largura, que se iniciava na margem esquerda do Reno, na região de colinas conhecida como Eifel, seguia pelo rio até abaixo de Karlsruhe e dali, na faixa de terra da margem direita, chegava até a fronteira com a Suíça. Em 3 de setembro, os habitantes, chamados de “repatriados”, receberam a ordem militar de “liberar as áreas residenciais”. Por um lado, desse modo seriam protegidos do iminente perigo de guerra; por outro, garantiriam a mobilidade da *Wehrmacht* (Forças Armadas). Só eram permitidos 30 quilos de bagagem por pessoa. As casas abandonadas não deveriam ser trancadas, e todo o gado deveria ser deixado no local.

Os repatriados foram levados para o interior do Império Alemão. O mesmo aconteceu conosco, no Aloysianum. Toda a parte inferior do edifício foi confiscada para se tornar alojamento para um grande grupo de pessoas. Somente pouco menos de um ano depois, após o

término da Batalha da França e a assinatura do Segundo Armistício de Compiègne, é que os deportados puderam retornar à sua pátria.

Contudo, mesmo em seguida o *Aloysianum* continuou sendo utilizado pelos nacional-socialistas para suas finalidades insanas. Assim, em 1940, foi transformado em um campo de repatriados alemães do Leste. Já no início da Segunda Guerra Mundial, Hitler havia deixado claro que estava planejando uma reorganização completa da Europa. Em seu discurso de 6 de outubro, diante do *Reichstag*, anunciou uma “consolidação étnica de terras” no Leste e no Sudeste. Com o lema “De volta ao Império”, os nazistas planejaram a construção de um grande império alemão. Por isso, colonos alemães e emigrantes de origem alemã, estabelecidos na Europa Oriental, deveriam ser reconduzidos às fronteiras do *Reich*. Entre eles, cerca de meio milhão de pessoas dos Países Bálticos, da Bessarábia, da Volínia, de Bucovina, de Dobruja, da Croácia, da Sérvia e até mesmo do sul do Tirol foram afetadas.

A pré-condição para essa migração em massa foi o Pacto Molotov-Ribbentrop (*Hitler-Stalin-Pakt*), de 1939, que estipulava quais regiões da Europa Oriental caberiam à União Soviética. Como indenização, os repatriados receberiam terras desapropriadas na Polônia ocupada pela Alemanha, no Protetorado da Boêmia e Morávia e na Baixa Estíria. Por isso, antes do ataque à União Soviética, poloneses e judeus das áreas reservadas aos “*Volksdeutschen*” [7] foram expulsos ou confinados em guetos.

Essa política de colonização estava estreitamente ligada ao holocausto. Assim, por exemplo, Adolf Eichmann atribuiu a uma série de deportações de judeus a seguinte abreviatura: “Ass.: Liberação para alemães da Lituânia”. Como diretor do Departamento IV D 4 “Emigração e desocupação” (a partir de 1941, Departamento IV B 4 “Questões judaicas e de desocupação”), do Departamento Central de

Vaticano II, de 1962 a 1965, que se decidiu abolir o latim como língua oficial no serviço religioso.

Em meu novo lar, encontrei-me novamente em ambiente de opositores do regime. Ao nosso lado vivia a família de Franz-Josef Wuermeling, com cujo filho travei uma estreita amizade. Desde 1931, o senhor Wuermeling, católico fervoroso, era membro do Conselho Regional e chefe do Departamento de Finanças da administração provincial de Kassel. Estava entre os poucos funcionários de sua época que, após a tomada do poder por Hitler, se recusaram terminantemente a se filiar ao NSDAP. Por falta de confiabilidade política, em 1939 foi aposentado compulsoriamente. Mais tarde se tornaria o primeiro chefe da chancelaria do governo Adenauer, após a fundação da República Federal da Alemanha, e de 1953 a 1962, assumiria o Ministério da Família. Na Alemanha do pós-guerra, Wuermeling era bem conhecido, sobretudo das famílias numerosas, pois foi ele quem introduziu as passagens de trem com desconto, que no jargão burocrático eram chamadas de “atestado para redução de preço da passagem para famílias com muitos filhos” e, na linguagem popular, simplesmente de “Wuermeling”.

A casa dos Wuermeling era frequentada por muitos jesuítas. O modo de falar e conversar, a mente aberta e a excelência intelectual, a formação profundamente teológica e filosófica, mas também a disciplina deles me impressionaram sobremaneira. À diferença de outras ordens, renunciavam aos trajes religiosos e não viviam reclusos em mosteiros. Não eram obedientes no sentido tradicional, pois cada um deles era autônomo. Com grande respeito, vi-me diante da liberdade intelectual deles. Não sem razão, até hoje os jesuítas são considerados os expoentes intelectuais da Igreja Católica. Na época, seu carisma me fez bem, pois eles eram o contrário dos nacional-socialistas. Durante o período do nazismo, eram vistos como

*image
not
available*

Obviamente, também não podiam faltar os uniformes, cuja confecção era semelhante à do exército, porém na cor marrom, e não cinza. Na manga esquerda era exibida a suástica e a insígnia da RAD, uma pá emoldurada por duas espigas de cevada. O conjunto deveria simbolizar os soldados, os trabalhadores rurais e os operários, o que na terminologia do nacional-socialismo também podia ser traduzido por disciplina, rendimento obtido com “sangue e solo”,^[9] bem como senso de dever. Como trabalho de cooperação, o *Arbeitsdienst* correspondia ao objetivo educacional do típico nacional-socialista. Vale notar sobretudo a peça do uniforme que cobria a cabeça, uma peculiar mistura de chapéu e gorro, vulgarmente chamada de “bunda com alça”.

Como no exército, não se podia deixar a própria área de serviço sem autorização. Contudo, certo dia saí às escondidas. Era muito grande a saudade dos meus pais, que eu queria visitar pelo menos por algumas horas. Tive sorte: ninguém notou minha ausência, mas se ela tivesse chamado a atenção de algum colega, ninguém me denunciaria.

Não obstante, eu me movia em ambiente perigoso. Já ao final do meu primeiro dia no *Arbeitsdienst*, um diretor dirigiu-se diretamente a mim e me envolveu em uma conversa. Com habilidade, começou a falar de Hegel e Nietzsche. Aos 17 anos, eu não sabia muita coisa, mas já tinha ouvido falar desses dois filósofos. Ainda me lembro muito bem das palavras do diretor. “Hegel previu o Estado atual”, declarou. E eu respondi: “Hegel odiava o Estado”. Em seguida, ele literalmente disparou: “O senhor é quem odeia o Estado”. Nesse momento ficou claro para mim que não se tratava de uma conversa normal, e sim de um interrogatório. Como descobri mais tarde, o homem era da Gestapo.

Eu viria a sentir as consequências dessa conversa um ano mais tarde. Nesse meio-tempo, fui convocado para a *Wehrmacht*. Como

*image
not
available*

pertencessem aos mortos, como se estes fossem lembrados neles e como se também nos fizessem recordar a outra realidade, mais poderosa e sombria. Vemos algo semelhante nos soldados sobreviventes de guerra. Eles também estiveram ligados a muitos mortos e cercados por eles, tantos os amigos quanto os inimigos.

No que se refere a mim: de onde, senão dessa experiência de proximidade com a morte, tirei força para tomar decisões reprovadas por outras pessoas, mas que foram decisivas para meu ulterior modo de viver?

Escrevi muitas histórias. Uma delas trata dessa proximidade com a morte.

O convidado

Em um lugar muito distante, onde em outros tempos foi o Velho Oeste, um homem caminhava com uma mochila nas costas pelo território extenso e deserto. Após horas de marcha – o sol já estava a pino, e sua sede aumentava –, viu no horizonte uma fazenda. “Graças a Deus”, pensou, “finalmente alguém em meio a essa solidão. Vou até lá pedir alguma coisa para beber; quem sabe nos sentamos na varanda e conversamos antes de eu seguir viagem.” E começou a imaginar como seria bom.

Porém, ao se aproximar, viu que o fazendeiro estava trabalhando no jardim diante da casa e foi tomado pelas primeiras dúvidas. “Provavelmente tem muito o que fazer”, pensou, “e se eu disser o que quero, vou incomodá-lo; e ele poderia achar que sou insolente.” Ao chegar perto do portão do jardim, apenas acenou para o fazendeiro e seguiu em frente.

O fazendeiro, por sua vez, já o tinha visto de longe e ficado feliz. “Graças a Deus”, pensou, “finalmente alguém em meio a essa solidão. Tomara que venha até mim. Podemos beber alguma coisa juntos e

*image
not
available*

A alimentação no campo era horrível. Por ordem especial de Eisenhower, nossa ração diária fora reduzida pela metade. De fato, depois que os crimes cometidos pelos nazistas nos campos de concentração foram descobertos pelos Aliados, Eisenhower ordenou que os presos de guerra alemães (*Prisoners of War/POW*) fossem classificados como “forças inimigas desarmadas” (*Disarmed Enemy Forces/DEF*). Em 23 de julho de 1944, o campo de concentração Majdanek e, em 27 de janeiro de 1945, o de Auschwitz foram libertados pelas tropas soviéticas; em 11 de abril de 1945, foi a vez do campo de concentração de Buchenwald e, em 29 de abril de 1945, do de Dachau – para mencionar apenas alguns.

Para nós, a ordem de Eisenhower significou que não éramos protegidos pela Convenção de Genebra de 1929, que regulamentava um tratamento, um alojamento e uma alimentação dignos. Isso porque, por definição, não éramos prisioneiros de guerra, mas *Disarmed Enemy Forces*. Por acaso tínhamos o direito de reclamar? Certamente não. Afinal, os nazistas aceitaram conscientemente a morte por inanição de 100 mil prisioneiros de guerra soviéticos e arrastaram milhões de civis para os trabalhos forçados.

Para sobreviver no campo, era preciso roubar comida. Com a magra ração que nos cabia, não era possível sobreviver às várias horas diárias de carregamento de engradados e caixas pesadas. No entanto, aqueles que eram pegos roubando recebiam uma dura punição: trinta dias de prisão. Em vez das dez, tinham de trabalhar doze horas todos os dias. À noite, eram confinados com cinquenta homens em um pequeno cômodo, sem a possibilidade de se sentarem, muito menos de se deitarem. A ração diária era ainda mais reduzida: cinco biscoitos *cracker* pela manhã, quatro no almoço e mais cinco à noite. Ninguém resistia por trinta dias. A maioria sucumbia já após dez ou quatorze

*image
not
available*

no esconderijo. Meus colegas quase me emparedaram em um compartimento feito de engradados e caixas. Ali eu podia ficar em pé ou sentado, mas não deitado. Os outros prisioneiros também deixaram ali para mim uma pequena provisão, para que eu não passasse fome durante a viagem. Porém, não havia possibilidade de fazer minhas necessidades. O tempo naquele buraco escuro me traumatizou e perseguiu até a idade avançada. Durante décadas não consegui usar o banheiro em avião, mesmo em viagens longas. Sentia-me preso na cabine como no meu esconderijo. Tampouco aguentava ficar muito tempo em espaços completamente escuros. Somente depois que Sophie me confrontou em uma regressão com minha antiga experiência é que consegui superar o trauma.

Meu desaparecimento não passou despercebido por muito tempo. Obviamente imaginaram que eu estaria em algum lugar dentro do trem. Durante a noite, ouvi soldados americanos passando pelos vagões à minha procura e dizendo: “There is a fucking German somewhere in the train”.^[14] O trem ainda ficou um dia inteiro parado em uma estação de manobra perto do campo, sem que eu tenha sido descoberto. Isso porque, além dele, havia ainda cerca de outros duzentos vagões. Por fim, desistiram de me procurar. Ninguém estava com vontade de descarregar o trem inteiro só para encontrar um prisioneiro alemão. O custo e o atraso na entrega das provisões não compensariam minha captura. Além do mais – assim deveriam pensar –, eu poderia estar em algum dos outros vagões. Desse modo, finalmente o trem partiu.

O trem levou seis dias de Charleroi até a Alemanha. Nesse meio-tempo, parou algumas vezes. Meus colegas haviam deixado uma pequena brecha em meu esconderijo, pela qual eu podia olhar para fora através de uma fenda na parede do vagão. Em uma das paradas, ao olhar pela pequena abertura, deparei diretamente com os olhos de um soldado americano que patrulhava a plataforma. Nossos olhares se

*image
not
available*

3

VIDA NA ORDEM E ORDENAÇÃO



No início de 1946, entrei como noviço para o mosteiro dos Missionários de Mariannahill, em Würzburg. Ali também se encontrava o seminário da comunidade. Recebi o nome religioso de Suitbert, que por todo o restante da vida usei na forma abreviada de “Bert”.

São Suitberto foi um missionário anglo-saxão, monge beneditino e bispo itinerante, que viveu aproximadamente entre 637 e 713, pois as suposições de seu nascimento e morte são divergentes. Depois que chegou à Frísia, em 690, inicialmente pôde registrar bons êxitos missionários na região dos brúcteros, entre Lippe e Ruhr. Em 710, fundou um mosteiro em Kaiserswerth, perto de Düsseldorf, que dirigiu como abade em grande ascese até sua morte. Cem anos mais tarde, foi canonizado pelo papa Leão III. Agradou-me saber que esse santo atuara não longe de Colônia, que por muitos anos foi a cidade onde vivi. Já o fato de ele também ser considerado o padroeiro contra dores de garganta foi irrelevante para mim.

Mas por que me decidi pelos Missionários de Mariannahill? Talvez eu quisesse – após o horror da guerra, após uma vida na

*image
not
available*

da Ordem. Inscrevi-me em teologia e filosofia na Universidade de Würzburg. Depois de meditar e orar pela manhã na comunidade do mosteiro, eu frequentava as aulas e os seminários.

Em 1950, professei os votos perpétuos, com os quais me unia definitivamente e por toda a vida à Congregação dos Missionários de Mariannahill. Em 1952, fui ordenado padre. No ano seguinte, fui enviado para a diocese de Mariannahill na África do Sul, onde realmente queria permanecer até minha morte. No entanto, tudo se daria de maneira diferente.

*image
not
available*

Mais tarde, tornei-me padre na paróquia da catedral, com cerca de 10 mil paroquianos. Em um ano, apresentei-me pessoalmente a todas as famílias. Por ser contra o *apartheid*, sempre fui bem recebido, prezado e estimado. Acima de tudo, predominava uma ligação de confiança entre os fiéis e os sacerdotes.

Notei que ali os cristãos eram mais livres e independentes do que na Alemanha. Muitos colaboravam com a escola e a igreja, auxiliando no planejamento dos assuntos a serem tratados. Impressionava-me sobretudo a maneira respeitosa como todos se tratavam. Nas reuniões, discutia-se de tudo, mesmo os temas controversos, até se encontrar uma solução, e ninguém perdia a compostura. Nesse meio-tempo, aprendi a língua dos zulus e, com o auxílio de sacerdotes nativos, escrevi hinos que até hoje são cantados. Além disso, elaborei um material para uma melhor compreensão da liturgia. Para mim, era muito importante que a mensagem fosse transmitida corretamente.

Com certa regularidade, eu pedia doações a amigos e parentes na Alemanha e contava com o apoio dos meus pais. A certa altura, reuni dinheiro suficiente para construir uma igreja. Mandei pintar de azul-cobalto a parede no fundo do altar e o teto, no qual sobressaíam estrelas douradas.

Como na região atuavam não apenas missionários católicos, mas também protestantes, a maioria dos nativos era batizada. Era fácil distinguir os cristãos dos chamados “pagãos”. Podiam ser reconhecidos por sua expressão receptiva, enquanto os não cristãos pareciam temerosos e fechados. A razão para tanto era a superstição dos zulus.

Para os zulus, os espíritos estavam em toda parte, nas plantas ou nos animais, na água ou nas pedras, e eram liderados por Unkulunkulu, que significa algo como “o supremo”. Em seu reino vivem os espíritos ancestrais. Todo infortúnio era atribuído às

eram boas pessoas! Então, entendi: em primeira instância, ser bom é algo que depende da experiência de vida.

Lembrei-me disso quando me reuni com os anglicanos, com os quais eu não tivera nenhuma relação anterior. Então, vi como eram devotos. Profundamente devotos! Fiquei muito impressionado e reconheci: estamos todos no mesmo barco. Diferenças como cor da pele ou religião não são importantes.

Os sacerdotes anglicanos ofereciam cursos ecumênicos na dinâmica de grupo – sem barreiras raciais. Hoje isso parece a coisa mais normal do mundo. No entanto, é preciso ter presente que estávamos nos anos 1960 e levar em conta, sobretudo, as condições da África do Sul na época. Quando se pensa que antigamente não apenas na Alemanha os chamados “casamentos mistos”, ou seja, aqueles entre parceiros católicos e protestantes, eram proibidos e que na África do Sul o *apartheid* era imposto com leis extremamente rigorosas, é possível ter uma ideia da abordagem quase revolucionária dos anglicanos. Negros e brancos, indianos e mestiços, católicos e protestantes – todos aprendiam juntos nos cursos.

Na época, a dinâmica de grupo era uma disciplina ainda desconhecida na Alemanha. Entre seus fundadores estavam o psicólogo judeu Kurt Lewin (1890-1947), que em 1933 migrou da Alemanha para os Estados Unidos, e o médico, psiquiatra e sociólogo austro-americano Jacob Levy Moreno (1889-1974). Por essa razão, inicialmente a dinâmica de grupo foi conhecida nos países de língua inglesa. Ocupa-se de forças que surgem em um grupo e investiga como elas atuam em cada indivíduo, ou seja, como esses processos podem ser influenciados e vivenciados.

No meu primeiro dia de curso, o diretor fez uma pergunta bastante genérica: “O que é mais importante para você: os ideais ou as pessoas (*ideals or people*)? Do que você abre mão? Das pessoas pelo

*image
not
available*

Até hoje não sei quem foi o autor da carta. O bispo Streit não o revelou para mim. A única coisa que eu podia saber era que a carta provinha da minha Ordem. Diversas poderiam ter sido as razões: talvez a carta tivesse sido escrita por inveja, pois o bispo Streit pretendia fazer de mim seu sucessor. A melhor maneira de opor-se a isso seria comprometendo minha credibilidade. Outra explicação seria o fato de que na Ordem temia-se despertar a ira do governo sul-africano, uma vez que minha rigorosa rejeição ao *apartheid* era conhecida. Também é concebível que, por essa razão, o governo já havia exercido algum tipo de pressão junto à Ordem. Teriam utilizado a acusação de heresia como álibi para se oporem a mim. Mesmo tendo adotado a cidadania sul-africana e aprendido a língua dos zulus, teria eu me tornado um cidadão plenamente reconhecido pelo governo do país? Certamente não. Em mim viam, em primeiro lugar, apenas o missionário alemão, cuja permanência no país era tolerada com benevolência.

Independentemente de quem tenha sido o autor da carta, o bispo Streit parecia perturbado – sobretudo em relação à minha pessoa. Pelo menos, assim pareceu. Talvez eu o estivesse prejudicando e ele só quisesse me proteger. De todo modo, pediu-me para tomar uma posição em relação à carta e aconselhou-me a ser mais cuidadoso no futuro. Classifiquei suas palavras como quebra de confiança. Senti-me ofendido e, ao mesmo tempo, fiquei triste e com raiva por justamente esse homem, a quem eu era tão afeiçoado, duvidar de mim e não me defender. Afinal, eu não tinha feito nada de errado e sempre fora um fiel servidor da Igreja.

Esponaneamente, eu disse na época para o bispo Streit: “Se não posso ter sua confiança nesse sentido, então também não posso representá-lo na Conferência dos Bispos. E tampouco posso continuar a exercer meus cargos. Renuncio a todos eles, com efeito imediato”. O bispo Streit não estava esperando por essa reação. Tentou me acalmar,

*image
not
available*

5

RETORNO À ALEMANHA E SAÍDA DA ORDEM



Ao final de 1969, voltei para a Ordem dos Missionários de Mariannahill na Alemanha. Às vezes, a vida é realmente louca. Eu tinha acabado de ser difamado como herege na África do Sul e estava me tornando reitor do seminário da minha Ordem em Würzburg – uma tarefa que cumpri com toda lealdade à Igreja, embora minha postura tivesse mudado. A razão para tanto era minha experiência com a dinâmica de grupo.

Na época, os padres tinham uma posição privilegiada e distante da realidade. Eram os pastores, e os fiéis eram as ovelhas. Também na Igreja se estava à frente da comunidade. O lugar do padre era alguns degraus acima, no altar e no púlpito. Era visto em posição superior, algo bem diferente do que ocorre na dinâmica de grupo, na qual praticamente se atua no mesmo nível dos participantes e se é um entre muitos. Porém, embora haja uma dependência em relação ao grupo e a sensação de estar ligado a ele, é possível exercer alguma influência e preservar a liberdade da própria decisão. Essa experiência me permitiu crescer interiormente.

*image
not
available*

A saída conduz de uma passagem estreita para uma área ampla. Torna-se necessária quando algo bloqueia nosso percurso, e nós, para sobreviver e recuperar nossa liberdade, temos de buscar um novo caminho. Porém, fazemos isso mais de maneira secreta e estratégica do que com violência, pois essas saídas desafiam as forças restritivas a resistir. Por exemplo, aguardamos o momento oportuno e as circunstâncias favoráveis. Também esperamos que as forças restritivas vão longe demais e acabem se enfraquecendo e perdendo a disposição para se oporem a nós.

De repente, já não estamos disponíveis. Orientamo-nos de outra maneira e adquirimos segurança e apoio em outro lugar. Encontramo-nos tão distantes das forças restritivas, que elas já não podem nos alcançar.

A saída começa na mente. Inicia-se com a decisão de deixar para trás algo antigo, que nos mantinha presos e ainda nos fazia esperar alguma segurança, e de nos reorientar para outro lugar e começar algo novo.

Em seguida, cabe-nos ponderar sobre os diferentes caminhos que temos à disposição, comparando-os uns com os outros, e escolher o que nos oferece mais perspectivas. Esse é o segundo passo a ser levado em conta após a decisão.

Posteriormente vem o planejamento cuidadoso de como esse objetivo será alcançado, sem que haja muitas resistências a serem superadas. Os passos já estão determinados e iniciados, sem que o anunciemos. Estamos no caminho, sem sermos notados. Enquanto os outros ainda acham que podem dispor de nós, já escapamos deles. Somente quando já estamos longe é que eles reconhecem que perderam seu poder. Como garantimos nossa saída? Sem fazer alarde dela, ou seja, sem um sentimento de triunfo ou de superioridade. Estamos em outro lugar, independentes e livres.

*image
not
available*

O próprio filho de Deus. Portanto, no cristianismo, os padres oferecem em sacrifício a Deus seu suposto amado filho.

Essa imagem prossegue. No início, quando a Deus era oferecido um sacrifício, este era apenas parcialmente incinerado. Uma parte, geralmente a melhor, era deixada para o consumo dos sacerdotes, e a outra, para as pessoas que haviam pagado pelo sacrifício e o ofereceram aos sacerdotes. Por ocasião desses sacrifícios, todos se sentavam à mesma mesa com Deus. Comiam com ele da mesma carne e bebiam do mesmo sangue. No sacrifício da missa ocorre algo idêntico. Todos comem com ele da carne de seu filho, bebem com ele de seu sangue e imaginam-se unidos a ele.

O que nos aconteceria se já não houvesse nenhum sacerdote? Não haveria mais sacrifício nem pessoas sacrificadas, tampouco o canibalismo velado com Deus. Já não haveria sacerdotes que se tornam, eles próprios, vítimas de seu Deus, por exemplo na Igreja Católica com a exigência do celibato. Na Antiguidade, a serviço da deusa-mãe Cibele, seus sacerdotes, como que em êxtase, eram castrados em sacrifício a ela. O celibato é uma forma sublimada da castração. Para dizer de uma maneira extremada, mas ainda precisa, esses sacerdotes ofereciam um sacrifício e eram, eles próprios, sacrificados.

Poderiam esses sacerdotes sentir compaixão? Ou teriam, quando fosse o caso, de se tornar cruéis como o deus ao qual serviam?

Nesse sentido, há que se refletir sobre outro aspecto. A que deus esses sacerdotes servem por meio do celibato? Seria ele um homem, nosso pai, como o nomeava Jesus? Ou teria uma deusa-mãe ocupado seu lugar? O que é a adoração de Maria, a chamada Mãe de Deus, senão a adoração de uma deusa-mãe? Sobretudo nos lugares onde o celibato dos padres é exigido, ela se estabeleceu amplamente na consciência dos fiéis. Entretanto, a rigor, para os sacerdotes católicos,

*image
not
available*

Uma forma extrema em que se dissimula essa intenção é o martírio. Alguém deve achar estranho o quanto os mártires são venerados na Igreja, a ponto de até mesmo suas relíquias trazerem salvação para os fiéis.

Nesse ponto, retorno às formas usuais de entregar uma criança a Deus, por exemplo, mandando uma filha para o convento. As virgens consagradas a Deus chegam a ser consideradas noivas de Cristo em um matrimônio santo. Contudo, são obrigadas a renunciar a um noivo terreno e a ter filhos. Mesmo assim, os pais sentiam orgulho dessas filhas que, mediante seu sacrifício, proporcionavam-lhes a bênção de Deus.

Algo semelhante ocorre com os filhos homens dispostos a ingressar em uma Ordem religiosa, sobretudo com aqueles que se tornaram padres. Eles também tiveram de abrir mão do casamento para honra maior de Deus e estarem disponíveis apenas para ele. Em sua concepção, desse modo Deus ficaria muito satisfeito com eles e com suas famílias.

Em comparação com o sacrifício de crianças na Antiguidade, esses não são sangrentos, assim como não é sangrento o sacrifício da missa, no qual, entretanto, a morte sangrenta de Jesus é retomada e revivida. Ao mesmo tempo, esses sacrifícios também requerem o extremo dos sacrificados.

Limitei-me aqui à Igreja. No entanto, essa concepção do sacrifício humano também atua em outros campos de maneira semelhante, e até de modo sangrento. Quando os soldados alemães partiam para a batalha, entoavam, por exemplo, a seguinte canção:

Alemanha, olha para nós, que te consagramos
a morte como o menor feito.
Ela haverá de saudar nossas fileiras,

*image
not
available*

Porém, às vezes esse desenvolvimento também requer a despedida de algo anterior, a fim de que deixemos para trás algo que já passou e se mostrou insuficiente ou incorreto. Foi o que ocorreu com muitos soldados, quando voltaram para casa após a Segunda Guerra Mundial e tiveram de reconhecer que, na maior parte das vezes, a fidelidade cobrada deles trouxera apenas infortúnio para eles e seus adversários, forçando-os a cometer ações ruins e, com frequência, também criminosas.

A fidelidade e a obediência cegas impedem não apenas qualquer desenvolvimento, mas até o paralisam. Em contrapartida, a verdadeira fidelidade é fiel à realidade como um todo. Vai além da fidelidade a uma única pessoa ou a determinado grupo e inclui os outros de acordo com as circunstâncias e a missão vivenciada. Sim, em certo sentido, chega a ultrapassar a fidelidade a si mesmo, por exemplo, aquela ao próprio passado e ao que se chama de caráter. Essa fidelidade só é confiável em relação a um todo maior, mas não em campo mais restrito. Por isso, todo progresso decisivo em sentido moral, político, religioso e humano inicia-se com a superação de limites anteriores, com uma despedida ou um rompimento, e às vezes com uma infidelidade. Porém, depois ocorre sempre um avanço rumo a algo maior e por fidelidade a uma compreensão, a uma realidade conhecida de outro modo e à missão que dela resulta.

Sobre a fidelidade forçada, ainda se pode referir o exemplo de quando uma simples promessa ou um “sim” ou “não” não podem bastar e, em seu lugar, faz-se um juramento ou voto. É o que vemos em um tribunal, quando é exigido que as declarações sejam feitas sob juramento, ou nos chamados “juramentos de lealdade”. Entre eles encontram-se o juramento à Constituição, à bandeira, ao cargo e, na Igreja, algo perverso como o juramento antimodernista, pelo qual o indivíduo se compromete a não defender certas doutrinas (ou certos conhecimentos).

*image
not
available*

Outro exemplo é de alguém que se cortou e não consegue ver o próprio sangue correr. Porém, assim que desvia o olhar da ferida, sente apenas um pouco de dor. Portanto, é ruim quando todos os sentidos são capturados ao mesmo tempo pelo acontecimento, ou seja, quando não podem ser ativados isolada e separadamente, e o indivíduo é tão dominado por eles que já não vê, nem ouve, nem sente o que de fato está acontecendo.

Faremos agora uma viagem na qual cada um, a seu modo, deparará com o todo, mas não de uma só vez. E presenciará o todo, mas com a proteção que desejar. Também poderá entender o que conta, um após o outro. Quem quiser, poderá igualmente fazer-se representar, como alguém que se acomoda em uma poltrona, fecha os olhos e sonha que está fazendo a viagem. Embora esteja em casa, dormindo, presencia tudo como se estivesse presente.

A viagem começa em uma cidade que já foi rica e famosa, mas que há tempos é desolada e vazia, como uma cidade-fantasma no Velho Oeste. Ainda se veem as galerias de onde o ouro era extraído. As casas continuam quase intactas. Até mesmo a ópera pode ser vista. Porém, tudo está abandonado. Há muito tempo já não há nada ali além de lembranças.

Quem parte nessa viagem busca um guia experiente. Assim, chega ao local, e a lembrança é despertada. Ali aconteceu o que tanto o abalou e do qual ele mal quer se lembrar, pois foi muito doloroso. Mas agora o sol brilha sobre a cidade abandonada. A tranquilidade e quase a paz voltaram para onde antes havia vida, agitação e violência.

Caminham pelas ruas e encontram a casa. Ele ainda hesita, não sabe se deve entrar, mas seu acompanhante entra primeiro, sozinho, para averiguar e ter certeza de que o local é seguro e se ainda restou alguma coisa do passado.

*image
not
available*

Contudo, a vida fora dos muros do mosteiro foi uma mudança brutal para mim. Eu já tinha chegado aos 45 anos e estava solteiro. Anteriormente, eu nunca tivera de me preocupar com coisas do cotidiano, como fazer compras, limpar ou cozinhar. No mosteiro, não tínhamos de lidar com nada disso. Lembro-me de que no início de meu período em Viena entrei em uma loja de queijos e não fazia a menor ideia de quanto eram 100 ou 500 gramas. Para não me expor ao ridículo, simplesmente pedi a mesma quantidade de uma senhora que estava na minha frente. O tamanho de sua peça pareceu adequado também para mim.

Pouco depois, conheci minha primeira esposa, Herta, seis anos mais nova do que eu, assistente social e psicoterapeuta. Naquele momento, era freira em um convento de Viena. Encontrávamo-nos com frequência, ficamos amigos e, por fim, ela também deixou o convento. Estava claro para mim que o casamento seria o próximo passo a ser dado, mas eu não tinha tanta certeza. Por um lado, desejava uma companheira; por outro, gostava da independência até então desconhecida. Além disso, podia imaginar que não seria fácil para uma mulher casar-se com alguém como eu. Como monge, eu tinha vivido as décadas anteriores apenas entre homens e não tinha nenhuma experiência no relacionamento com mulheres. Por isso, resolvi aguardar um sinal para me decidir quanto ao casamento. Afinal, esse recurso tinha dado certo quando fugi da prisão americana.

Na época, eu planejava voltar para a África do Sul após minha formação como psicanalista, para trabalhar e viver no país. Portanto, decidi dizer a Herta que eu queria me casar com ela, porém apenas com a condição de ela ir comigo mais tarde para a África do Sul. Se ela concordasse, pensei, então este seria um bom sinal para o casamento. Herta logo se declarou disposta a me acompanhar. Mas eu não tinha contado com isso.

*image
not
available*

próximos meses, pois tinha comprado uma casa geminada na pequena localidade de Ainring, que contava com cerca de 6.500 habitantes no distrito de Berchtesgadener Land, perto da fronteira com a Áustria e da cidade de Salzburgo.

Após a mudança, passei a integrar o Círculo de Psicologia Profunda de Salzburgo, presidido pelo professor Igor A. Caruso. Pareceu-me uma boa escolha em razão de sua excelente reputação. Além disso, de certo modo, era a continuação lógica de minha formação no Círculo Vienense de Psicologia Profunda, que na época também fora fundado por Caruso. Ademais, essa conexão era necessária para minha almejada qualificação como psicanalista.

Naqueles tempos, Caruso era uma das figuras mais aclamadas da cena psicanalítica, adorado por muitos como guru, embora em sua pessoa o envolvimento com o regime nacional-socialista, incluindo a amizade íntima com nacional-socialistas convictos, se conjugasse com a crítica da filosofia social da Escola de Frankfurt, ligada a Marx e Hegel. Contudo, esse antagonismo só foi tematizado décadas depois, tornando-se um exemplo de como as conexões oriundas do Terceiro *Reich* – de modo semelhante ao que ocorre no ambiente de juízes e advogados – conseguiram passar despercebidas do público ainda por muito tempo após a Segunda Guerra, mas foram toleradas e talvez até protegidas pelos responsáveis. Olhando retrospectivamente, parece-me uma maldição que paira sobre minha geração o fato de às vezes a vida de um opositor do nacional-socialismo como eu cruzar de novo o caminho de cúmplices desse regime cruel e desumano, que permaneceram na sombra por tanto tempo.

Igor Alexander Graf Caruso nasceu em 1914 na cidade de Tiraspol (atual Moldávia/Transníttria), outrora pertencente ao sul da Rússia, de uma família da pequena nobreza que deixara a Rússia após a Revolução de Outubro. Estudou pedagogia na Bélgica, onde se

*image
not
available*

renomeado Círculo de Psicologia Profunda de Salzburgo. Entre os membros da direção estava Gerhart Harrer (1917-2011), desde 1971 professor de psiquiatria forense na Faculdade de Direito da Universidade de Salzburgo. Já como estudante do ensino médio, engajara-se na *NS-Schülerbund* [17] e, posteriormente, na *NSD-Studentenbund*, [18] tornando-se em fevereiro de 1935 membro da SS, que na época era ilegal na Áustria, e da *SS-Standarte 89*. [19] A ela também pertencera Otto Planetta, que em 25 de julho de 1934 disparou um dos dois tiros que mataram o chanceler austríaco Engelbert Dollfuß e foi executado seis dias depois. Desde 1940, Harrer era membro do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. Como membro da *SS-Studiengemeinschaft* [20] na Universidade de Viena, ocupava-se intensamente de genética e eugenia. Durante a guerra, Harrer trabalhou como médico-assistente de Alfred von Auersperg, amigo de Caruso, na seção de neurologia e neurocirurgia dos hospitais militares.

Também mantinha um estreito contato com Heinrich Gross (1915-2005), médico praticante da eutanásia, que participara do assassinato de crianças na instituição Am Spiegelgrund, antigo local de trabalho de Caruso, e mais tarde se tornara o psiquiatra forense mais requisitado da Áustria. Na instituição Am Spiegelgrund, Gross havia tomado parte em experimentos médicos, sobretudo em pneumoencefalografias, realizadas em inúmeras crianças. Nesse tipo de experimento, injetava-se ar na cavidade cerebral através da espinha dorsal para a execução de uma radiografia. Desse modo, queriam investigar se a esclerose tuberosa – mutação no gene TSC1 ou TSC2 que provoca um crescimento desordenado das células e tem a formação de tumores como consequência – poderia ser reconhecida em pacientes vivos.

*image
not
available*

Após a terapia primal com Arthur Janov, John Lennon escreveu a canção “Mother”, lançada em 1970 no álbum *John Lennon/Plastic Ono Band*, que dizia: “Mother, you had me, but I never had you” [Mãe, você me teve, mas eu nunca tive você], e: “Father, you left me, but I never left you” [Pai, você me deixou, mas eu nunca o deixei]. O refrão de dois versos no final da canção, “Mama, don’t go, Daddy come home” [Mãe, não vá embora; pai, volte para casa], intensifica-se até se tornar um grito comovente. Puro *primal scream*.

Minha palestra sobre o livro *The Primal Scream*, de Arthur Janov, no Círculo de Psicologia Profunda de Salzburgo não agradou. Em seguida, o professor Caruso me chamou e explicou que eu não poderia continuar como membro do Círculo. Portanto, expulsou-me. Mais do que isso: comunicou-me que rejeitaria meu reconhecimento como psicanalista. “Como bispo de uma igreja ortodoxa, não posso aceitar alguém do movimento *Jesus People* (Movimento de Jesus)”, declarou literalmente.

Jesus People era um movimento cristão popular, surgido na Costa Oeste americana, que atingiu seu ápice no início dos anos 1970 e expandiu-se pela Europa. Orientava-se em parte pela ideologia *hippie*, uma vez que a maioria de seus seguidores vivia em comunidades e se opunha às ritualizações e aos sistemas eclesiásticos. Seu objetivo era recuperar o que Jesus realmente queria.

Portanto, metaforicamente, o que a declaração de Caruso queria dizer era isto: traduzindo, ele, como guardião do cálice sagrado da psicanálise, não aceitaria ninguém que defendesse outros métodos terapêuticos ou novos métodos. Na verdade, suas palavras nada mais eram do que o juramento antimodernista da Igreja Católica.

Anos mais tarde, o Círculo de Psicanálise de Munique reconheceu minha formação. Em 1982, recebi da Associação de Médicos da Seguridade Social da Baviera a autorização para atuar

*image
not
available*